

Os irmãos Mees: órfãos no grupo pioneiro da Colônia Santa Isabel

Janir Brandt¹

Apresentação

O objetivo do presente artigo é rememorar a história de uma família de imigrantes chegados na primeira leva de colonizadores de Santa Isabel, possivelmente na primeira metade do ano de 1847. A família que deixara sua terra natal em outubro do ano anterior, era composta pelo casal **Johann Mees** e **Anna Barbara Monzlinger**² e seus dois filhos, **Peter** com quatro anos e **Mathias** de dois anos de idade. Os meninos saíram da Alemanha na companhia dos pais e ficaram órfãos antes de entrar na Colônia Santa Isabel, para onde foram destinados.

A mãe, Anna Barbara Monzlinger, provavelmente faleceu em Niterói/RJ em novembro ou dezembro de 1846 e o pai Johann Mees, logo na chegada à Desterro, atual Florianópolis/SC, no primeiro dia do ano de 1847. Criados pela família Westrup, tornaram-se os patriarcas da família **Mees**, um numeroso clã em solo catarinense e brasileiro.

¹ Janir Brandt nasceu em Salete/SC, cidade onde reside. Bacharel em administração de empresas pela UNIDAVI de Rio do Sul/SC. Servidor público na área administrativa e contábil, foi prefeito e vice-prefeito em sua cidade natal. Trineto de Peter Mees e Johanna Elisabeth Jasper, é aficionado por história e genealogia. Pesquisa sobre imigração e colonização de Santa Catarina. Contato: janirbrandt@yahoo.com.br.

² Johann Mees é por vezes citados como Jean Mees, devido ao seu registro de nascimento constar em francês. Anna Barbara Monzlinger tem o sobrenome grafado como Muntzlinger, Monselinger, Munzlinger, Münzlinger, Monslinger, além de outras variações encontradas nas pesquisas, inclusive nos documentos aqui apresentados. Optamos neste artigo, escrever como “Monzlinger” por ser a grafia que mais vezes aparece. O nome Barbara, por ser de pessoa estrangeira, fica grafado sem o acento, da língua portuguesa.

Nosso relato aborda algumas informações a partir de Kommen³, a terra natal, perpassa a épica viagem para o Brasil e o fatídico destino dos pais, cita o estabelecimento na colônia Santa Isabel e a adoção dos meninos pela família Westrup. As informações são oriundas de documentos originais⁴ emitidos em 1846 e outras fontes relacionadas.

Embora os patriarcas percessem antes de se estabelecer em Santa Isabel, a família conseguiu transmitir sua saga ao longo das gerações, guardando os documentos originais. Creditamos aos seus tutores e às primeiras gerações este importante cuidado.

A origem no Hunsrück

A linhagem da família Mees de Santa Catarina, tem origem nas antigas aldeias de Hundheim, Longkamp e Kommen, próximas a Bernkastel-Kues⁵, pertencentes ao distrito de Bernkastel-Witlich, o *Kreis*⁶ que reúne os municípios da região. Estas cidades ficam no Hunsrück, Renânia-Palatinado, no sudoeste da Alemanha. A região é também conhecida como vale dos vinhedos ou vale do Mosela.



Fig. 1: Entrada da cidade de Kommen – abril/2019. Acervo do autor.

O Hunsrück é formado por uma cadeia de montanhas baixas, composta pelos vales do rio Mosela ao norte, do rio Nahe ao sul e do rio Reno a leste. O Reno recebe as águas do Mosela e do Nahe. Nesta região situam-se as três pequenas cidades de origem da família Mees. Johann Mees com sua esposa Anna Barbara Monzlinger e dois filhos pequenos Peter e Mathias, emigraram de Kommen no princípio de outubro de 1846.

³ Kommen é um município da Alemanha, localizado no distrito Bernkastel-Wittlich, na Renânia-Palatinado. Neste artigo, aparece grafado como Kommen e Commen. No idioma alemão a grafia é com “K” – Kommen.

⁴ Os documentos encontrados são cópias dos originais emitidos em 1846 em Bernkastel-Kues, na Alemanha.

⁵ As aldeias, berço dos antepassados da família Mees, Kommen e Longkamp são atuais municípios e Hundheim pertence ao município de Morbach, todos vinculados ao *Kreis* de Bernkastel-Wittlich, na Renânia-Palatinado, cuja sede da Verbandsgemeinde é Bernkastel-Kues. Bernkastel aparece grafada nos documentos como Berncastel com “C”, entretanto a grafia correta é com “K” – Fonte: pt.wikipedia.org/wiki/Bernkastel-Kues e pt.wikipedia.org/wiki/Landkreis_Bernkastel-Wittlich. Consulta em: 18 jun. 2024.

⁶ *Kreis* é uma divisão geopolítica, espécie de capital regional ou sede das cidades de uma região.

Os registros familiares remontam ao século XVII, citando sua presença no Hunsrück, próximo à antigas cidades, expoentes nos auspícios da ocupação romana: Bernkastel-Kues, Trier⁷ e Koblenz. A oeste Hunsrück limita-se com França e Luxemburgo e sempre teve sua exploração e desenvolvimento facilitados pela navegação nos três citados rios, que permitiam contato e acesso às mais importantes cidades europeias.

A influência romana regional é historicamente notável. A cidade de Trier ainda mantém inúmeras construções e monumentos do período romano. Cremos que até mesmo na família Mees, haja ascendência latina, uma vez que aparece repetidas vezes o sobrenome Clesius, entrelaçado por casamentos. Inclusive, a mãe do imigrante Johann Mees chamada Margaretha Clesius seria de origem romana.



Fig. 2: Vista de Kommen, tendo Longkamp aos fundos à direita – abril/2019. Acervo do autor.

O imigrante alemão nasceu francês

Johann Mees, natural de Kommen⁸, recebeu seu registro civil na prefeitura de Bernkastel-Kues, em língua francesa⁹, com o nome de Jean (Johann em alemão ou João em português). Seu nascimento foi declarado por seu pai, homônimo, que era agricultor.

⁷ Trier ou Tréveris é uma cidade da Renânia-Palatinado, localizada às margens do rio Mosela (próxima à Luxemburgo e França). Região habitada pelos celtas, teria sido fundada no século I a.C., com o nome de Augusta Trevirorum, supostamente pelo próprio imperador Augusto (27 a.C a 14 d.C). Também conhecida como Augusta dos Tréveros seu nome faz referência à tribo de gauleses que habitou o vale inferior do Mosela desde aproximadamente o ano 150 a.C., até serem absorvidos pelos francos. Nos séculos III e IV, sediou o governo do Império Romano e foi capital da província romana de Bélgica Prima ou Gália Bélgica, que ocupava o território belga e norte da França, Luxemburgo e partes da Holanda e Alemanha. É considerada a cidade mais antiga da Alemanha. Cidade polo de toda a região do Hunsrück, no baixo Mosela, também chamada Francônia, ainda sob a dinastia carolíngia passou ao domínio do Sacro Império Romano-Germânico, até ser conquistada pelas tropas de Napoleão Bonaparte. Posteriormente integrou o reino da Prússia. Fontes: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Treveris>, e https://pr.wikipedia.org/wiki/imperio_Carolingio, Consultas em: 12 jan. 2024.

⁸ Kommen fica a 10 quilômetros de Bernkastel-Kues. Fonte: Google Maps, consulta em: 12 set. 2023.

⁹ Na época do nascimento de Jean Mees (Johann) a região havia sido conquistada pela França, por meio das guerras Napoleônicas. Assim, vigorava o código civil francês, promulgado em 21 de março de 1804, ou código Napoleônico, que dissociou a igreja do estado, aboliu privilégios da nobreza, igualou os direitos civis da população, estabeleceu direitos de propriedade e de família, bem como o direito de sucessão de bens. Ao dissociar estado e igreja, Napoleão estabeleceu a obrigatoriedade do registro civil, antes limitada ao registro de batismo. Também instituiu o calendário francês em substituição ao calendário gregoriano.

O registro civil, dissociado do batistério havia sido imposto pela França por meio do código civil napoleônico em todo seu território, incluindo as regiões ocupadas na Europa, dentre estas o Hunsrück. A data de nascimento de Jean – Johann Mees é 24 de novembro de 1805, conforme comprova o *Acte de Naissance* n.º 43¹⁰.

Acerca do assento de nascimento n.º 43, é importante ponderar a existência de um equívoco no excelente trabalho da professora Úrsula e do Pe. Eloy. Eles próprios alertam para uma divergência na data de nascimento do imigrante. Informam que, segundo o registro de nascimento seria 3 de janeiro de 1814 enquanto que no registro de casamento consta o nascimento de Johann como 24 de novembro de 1805¹¹.

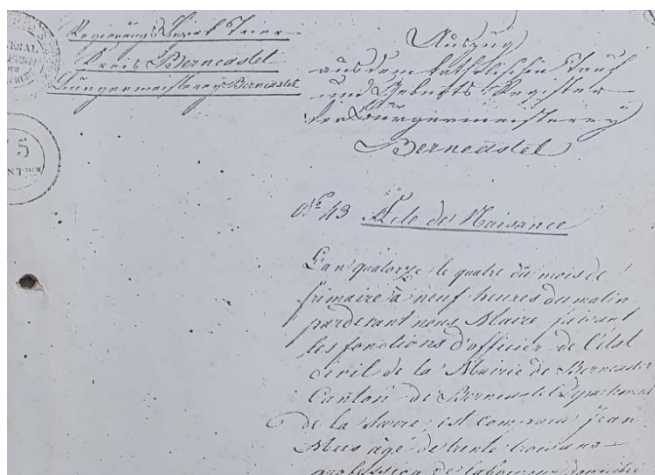


Fig. 3: Registro de nascimento de Jean (Johann) Mees, manuscrito em francês, parte do original.

O assento de nascimento em Bernkastel-Kues, registrado sob domínio de Napoleão Bonaparte e em língua francesa, cita:

*L'an quatorze le quatre du mois de **frimaire** (...) comparu Jean Mees agé de trente trois ans profession de laboureur domicilié à Commen, qui nous à presente um enfant du sexe masculin **né à Commen le troisième jour du mois de frimaire...***

Portanto, Jean Mees nasceu em Kommen: *L'an quatorze (...) né à Commen le troisième jour du mois de frimaire*. A tradução da professora Úrsula e do padre Eloy informa que Jean Mees seria nascido **no ano catorze, aos treze dias do mês primeiro**, e interpreta seu nascimento em 13 de janeiro de 1814. Contudo, há três equívocos nesta explicação. Primeiro: o ano catorze refere-se ao calendário da revolução francesa e não ao calendário gregoriano; segundo: **frimaire** diz respeito ao mês frimário, do calendário francês, e não ao primeiro mês do calendário gregoriano; e finalmente, **troisième** significa terceiro (dia) e não treze (dias).

Considerando que o ano catorze do calendário francês¹² corresponde a 1805 e seu mês frimário tinha início no dia 22 de novembro do calendário gregoriano, tem-se exatamente a data de nascimento contida no registro matrimonial. Ou seja, o terceiro dia do mês frimário corresponde ao dia 24 de novembro de 1805, quando nasceu Jean Mees.

¹⁰ O registro de nascimento de Johann Mees foi realizado em francês, Jean Mees, devido à ocupação da região do Hunsrück pelas tropas francesas, sob comando de Napoleão Bonaparte, que subjogou grande parte da Europa até 1815. Bonaparte governou a França de 1799 a 1815. Fonte: pt.wikipedia.org/wiki/Napoleão_Bonaparte.

¹¹ Observações feitas pela professora Úrsula Rombach e Pe. Eloy Dorvalino Koch na elaboração do trabalho.

¹² O calendário francês teve vigência de 22.09.1792 a 31.12.1805, quando retomado o uso do calendário gregoriano.

Com a queda de Napoleão e a retomada das fronteiras pela antiga Prússia em 1815¹³, o francês Jean Mees, futuro imigrante para o Brasil, ganha a nacionalidade paterna e vira o prussiano Johann Mees. A família continuou morando em Kommen com atividades na agricultura e outras ocupações profissionais. Presumimos que a provisão do sustento familiar nas pequenas aldeias rurais da época, exigisse o auxílio de todos seus membros. Assim, é muito provável que a família imigrante mantivesse atividades ligadas à lavoura de subsistência, somadas às declaradas profissões de Johann Mees em seus documentos.

Johann Mees no registro de seu casamento em 1842 foi qualificado como tecelão de linho. No ano seguinte, em 18 de fevereiro, ao registrar o filho Peter, nascido no dia anterior, apresenta-se como pedreiro, mesma profissão declarada em 11 de dezembro de 1844, quando registrou o filho Mathias. Por fim, na certidão de desligamento da Associação ou Liga dos Reais Súditos Prussianos¹⁴, consta como lavrador.

A região mantinha atividades profissionais ligadas à construção civil, pelo menos é o que se infere dos documentos da família Mees. Peter Zimmer, de Kommen e Carl Scherges, de Krautenbach, cidade vizinha, nominados como testemunhas do nascimento do filho varão, Peter Mees, são qualificados com a profissão de quebrador de lousa. No registro do segundo filho Mathias, figura como padrinho ou testemunha Nikolaus Mees, irmão de Johann, que era pedreiro. Também no seu casamento a testemunha Johann Günther é qualificada como pedreiro. Sabe-se que até hoje, a região é próspera em pedra lousa ou ardósia, inferindo-se assim, que a família Mees e seus próximos mantivessem atividades ligadas à construção civil. A qualificação profissional de Johann Mees, algumas vezes como agricultor, provavelmente deve-se à manutenção de culturas de sobrevivência, como era comum àquela época, onde toda a família contribuía para seu sustento.

O casamento dos imigrantes e o nascimento de seus dois filhos¹⁵

Johann Mees e Anna Barbara Monzlinger, casaram-se aos 20 de janeiro de 1842 em Bernkastel-Kues, na presença dos pais do noivo, da mãe da noiva e das testemunhas: Anton Liel, comerciante; Peter Phillips, carroceiro; Johann Günther, pedreiro; e Mathias Altmayer, lavrador. Ele com 36 anos e ela de 18 anos de idade, órfã de pai havia cinco anos. A família da noiva era de Hirschfeld¹⁶, vilarejo a 13 quilômetros de Kommen, onde

¹³ Por meio do congresso de Viena (entre 11.11.1814 e 09.06.1815) a Europa promoveu nova ordem geopolítica, cabendo à Prússia o território do Hunsrück. Fonte: todamateria.com.br/congresso-de-viena/.

¹⁴ Associação ou Liga dos Reais Súditos Prussianos é como a professora Úrsula Rombach traduz o documento que autoriza o desligamento dos imigrantes Johann Mees e família. Na prática seria a atribuição de cidadania prussiana aos moradores do Reino da Prússia, a qual foi abdicada pela família Mees, por ocasião de emigração.

¹⁵ As datas foram extraídas dos documentos originais da família.

¹⁶ Hirschfeld é um município da Alemanha localizado no distrito de Rhein-Hunsrück, na Renânia-Palatinado. Pertence ao *Verbandsgemeinde* de Kirchberg, cuja sede dista 17 km. Fonte:

o pai Johann Carl Monzlinger fora pedreiro e a mãe Anna Barbara Rockenbach dedicava-se aos cuidados da numerosa prole, de pelo menos nove filhos¹⁷.

Radicados em Kommen, domicílio do noivo, a família cresceu no dia 17 de fevereiro de 1843 quando nasceu seu primeiro filho, ao qual deram o nome de **Peter**. Ao final do ano seguinte, a 11 de dezembro, o casal foi abençoado com vinda de **Mathias**, seu segundo e último filho. Certamente a prole aumentaria se a desventura não ceifasse o casal em sua viagem para o Brasil. Os meninos Peter e Mathias, chegados à Colônia Santa Isabel, órfãos de pai e mãe, tornaram-se os patriarcas da família Mees de Santa Catarina.

As condições sociais e a decisão de emigrar

Conquanto já fosse distante o período sob o jugo francês, a Europa de então vivia sob constantes mutações políticas, sociais e econômicas. As dificuldades eram enormes sobrevivendo em todo Hunsrück, muita miséria e desemprego, e para piorar, eram péssimas as condições de saúde e de sobrevivência, tanto que as famílias da região emigravam constantemente.

Lastreados nos relatos históricos da região àquela época, presumimos que embora houvesse recursos naturais, como a ardósia, utilizada para construção civil, o empecilho econômico regional, naquele momento, seria a falta de haveres dos moradores. Assim, o aproveitamento dos serviços dos irmãos Johann e Nikolaus Mees, ambos pedreiros e dos inúmeros quebradores de lousa, e de outros artesões disponíveis para a produção de riquezas, restavam ociosos e ou prejudicados. Sem trabalho e renda, crescia o embaraço social e econômico, levando à penúria a grande maioria dos aldeões.

No Hunsrück era massiva a propaganda dos agentes da Casa Delrue¹⁸, acerca da imigração para o Brasil. Na Europa era visível a instabilidade social, o desemprego e a frustração de safras, o que contrastava severamente com as notícias alvissareiras vindas do outro lado do oceano. Acreditamos que este conjunto de fatores motivaram a decisão da família Mees em deixar a Alemanha e buscar futuro no Brasil.

Os preparativos para a emigração da família Mees

Decididos a deixar sua pátria, pretendiam fazê-lo de forma correta junto às autoridades da Prússia, seu país. Assim, Johann Mees dirigiu-se à representação do

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Hirschfeld_\(Renânia-Palatinado\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hirschfeld_(Renânia-Palatinado)). Consulta em: 27 mar. 2024.

¹⁷ Conforme pesquisas genealógicas realizadas pelo autor no sítio da internet: familysearch.org em múltiplas oportunidades.

¹⁸ Da vida de um alemão no Brasil – Revista Blumenau em Cadernos, Tomo VII, nº 12, 1966, p. 229 a 231.

Departamento do Interior do Governo Real Prussiano localizada em Trier, onde requereu autorização para emigrar para o Brasil.

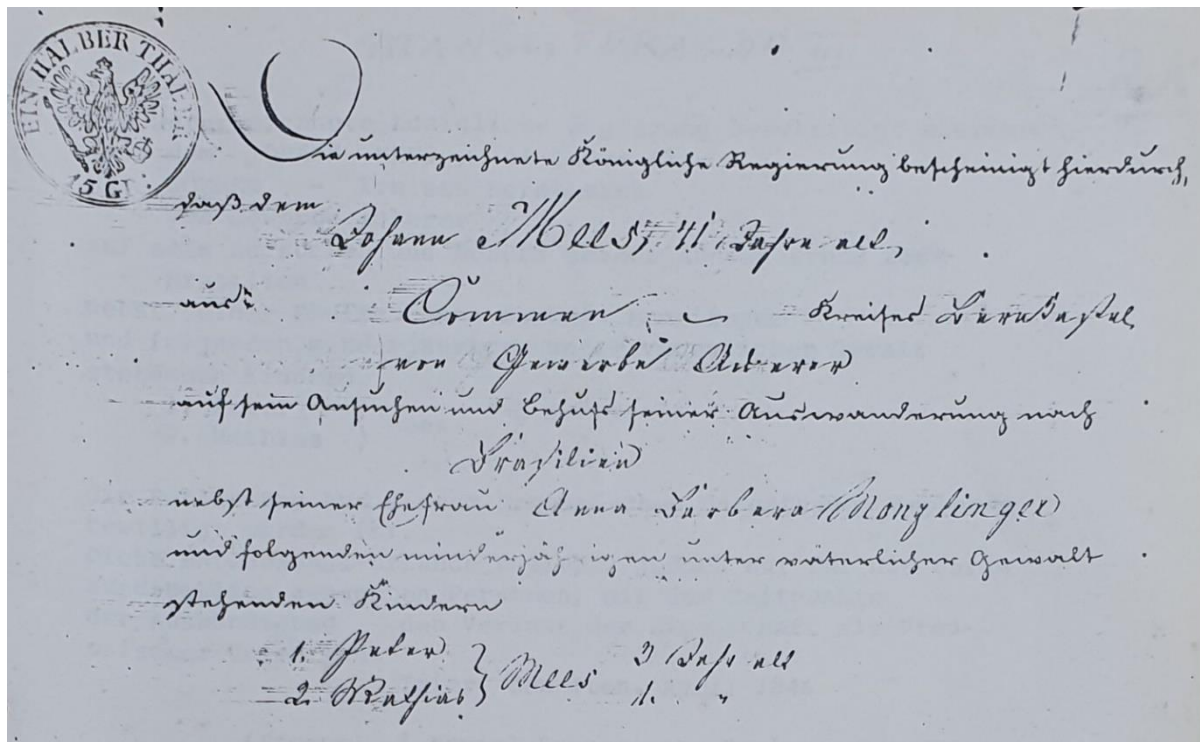


Fig. 4: Certidão de desligamento da Liga de Súditos Prussianos. Excerto do livro de registro do governo da Prússia, Trier, Alemanha, extraído em 4 de abril de 1846. Cópia do original (parte), acervo do autor.

Em resposta ao requerimento, a representação governamental da Prússia, em Trier, expediu em 4 de abril de 1846 a certidão de desligamento n.º 8.554. Por esta certidão foi concedido o desligamento da Liga dos Súditos Reais Prussianos em razão de sua emigração para o Brasil. O documento nomina o casal Johann Mees e Anna Barbara Monzlinger, bem como seus dois filhos: Peter de 3 anos e Mathias de 1 ano de idade.

Em 11 de maio de 1846 Johann Mees retirou cópias de seu assento de casamento civil e dos registros de nascimento de seus dois filhos, Peter e Mathias, para o fim específico de emigração. Os excertos dos registros civis de Bernkastel-Kues são os documentos legados aos seus descendentes, que nos permitem dar versão oficial a este artigo histórico.

O provável itinerário da grande viagem

Não há registros do roteiro percorrido pela família Mees em sua viagem migratória. Entretanto, é provável que tenham saído de Kommen para Bernkastel-Kues por meio de carroças, transporte comum à época. Daí pelo rio Mosela, teriam seguido por navegação fluvial, até Colônia – Köln, cidade que já possuía avançada rede ferroviária.

De Colônia, cremos que seguiram por via férrea até Ostende, cidade portuária da Bélgica. De Ostende até o porto de Dunquerque, na França, o trajeto de pouco mais de 50 quilômetros, provavelmente foi percorrido em carroças e ou caminhando.

Nossa tese de que tenha sido este roteiro até a cidade de Dunquerque, baseia-se no relato do imigrante Mathias Schmitz¹⁹, que registrou os caminhos que sua família e outros companheiros, fizeram até o porto de Dunquerque. A família Schmitz era de Peterswald-Löffelscheid e seguiu de sua aldeia para o Reno. Schmitz nomeia a cidade à beira do Reno apenas com sua inicial B. possivelmente seria Boppard, ou Bacharach, ambas situadas às margens do Reno e distantes de 45 a 50 quilômetros de sua aldeia. Eram onze famílias que partiram de Löffelscheid aos 8 de outubro de 1846, albergando-se em B. neste mesmo dia. De barco rumaram no dia seguinte para a cidade de Colônia, onde pernoveram. Dois dias depois, a 10 de outubro, seguiram de Colônia à Ostende, na Bélgica, e daí para Dunquerque por terra.

Não podemos afirmar que as famílias Schmitz e Mees tenham sido companheiras de viagem desde suas aldeias até Dunquerque. Também não se pode dizer o contrário, pelo menos de uma parte do roteiro. Aliás, é bastante provável que o itinerário e os meios de transporte sejam os mesmos, ainda que tenham viajado separadamente. É certo que Mathias Schmitz, conforme seu relato, emigrou em companhia de inúmeras outras famílias.

Além dos onze clãs de Peterswald-Löffelscheid, em Ostende na Bélgica, Schmitz cita a presença 40 a 50 famílias de patrícios, com dificuldades para chegar a Dunquerque, de onde embarcariam com destino ao Brasil²⁰:

Foi exatamente por esse tempo que umas 40 ou 50 famílias, no meio das quais eu me encontrava, nos preparamos para fazer a viagem de Ostende para D. e daí emigrar para o Brasil.

Schmitz cita que as famílias tiveram embaraços para adentrar a fronteira francesa entre Ostende e Dunquerque. A razão principal dos entraves tinha origem nas falcatruas e malogros de Delrue e seus agentes. Estes aliciavam imigrantes para o Brasil de forma enganosa, propalando vantagens inexistentes aos imigrantes, os quais à vista do engodo, desfaziavam-se de seus pertences de qualquer modo, confiando nas promessas de Delrue.

À vista de problemas recorrentes causados por esta agência marítima, as autoridades proibiram que imigrantes transpusessem as fronteiras francesas e uma vez no território francês, havia a proibição de acessar a cidade e sua área portuária, onde centenas de pessoas vagavam sem recursos e entregues à mendicância. A partir desta

¹⁹ Da vida de um alemão no Brasil – Revista Blumenau em Cadernos, Tomo VII, nº 12, 1966, p. 228.

²⁰ Da vida de um alemão no Brasil – Revista Blumenau em Cadernos, Tomo VII, nº 12, 1966, p. 229.

realidade o governo passou a exigir dos viajantes a comprovação de condições para viajar às suas expensas, ou sob a responsabilidade direta de Charles Delrue e Companhia²¹.

No caso da família Schmitz, o jovem Mathias tinha consigo algumas cartas que comprometiam sobremaneira a Delrue e seus agentes. Por isso, um dos agentes, seguiu para Dunquerque e obteve de Delrue a responsabilidade pela estadia de todo o grupo de famílias que seguiriam para o Brasil.

Quanto à família Mees, é provável que seu roteiro de viagem desde Kommen até Dunquerque seria semelhante ao descrito por Mathias Schmitz a partir de sua terra natal. Assim, é possível que a família Mees integrasse o grupo das citadas 40 a 50 famílias. Por outro lado, quando da chegada ao porto, Mathias Schmitz descreveu que o navio já estava ancorado e com algumas famílias alemãs a bordo²²:

*No porto já estava ancorado **um navio no qual já se encontravam alojadas algumas famílias alemãs** e o qual deveria seguir viagem no dia seguinte com destino ao Brasil. A nossa bagagem foi imediatamente levada para bordo e quem não quisesse pernoitar na cidade poderia embarcar logo e passar a noite no navio, o que a maioria fez.*

A citação de Schmitz quanto à existência de algumas famílias patrícias embarcadas, nos permite conjecturar que o clã de Johann Mees pudesse ser uma destas. Neste caso não teriam viajado juntos desde o Hunsrück. Mesmo assim, o roteiro descrito por Schmitz nos proporciona a dimensão do itinerário desde Kommen até Dunquerque, realizado pela família Mees. Ainda que existissem algumas variações nos trajetos, tudo indica que as circunstâncias da viagem tenham sido sobremaneira parecidas.

O navio Virginie e a épica viagem de Dunquerque ao Rio de Janeiro

Em 19 de outubro de 1846 em Dunquerque, com 191 pessoas a bordo o Virginie levantou âncoras com destino ao Brasil. Eram 179 imigrantes, 2 passageiros e 10 tripulantes do brigue. Dentre os imigrantes, registrado sob n.º 7 encontravam-se Johann Mees, sua esposa Anna Barbara Monzlinger e seus filhos Peter e Mathias²³.

Na travessia houve muitas dificuldades. No início era apenas o enjôo do mar, malefício comum aos marinheiros de primeira viagem. Contudo, este era o menor dos males e somente nos primeiros dias. Ainda na primeira semana os passageiros e a tripulação foram acometidos pela disenteria, moléstia trazida involuntariamente por uma

²¹ Da vida de um alemão no Brasil – Revista Blumenau em Cadernos, Tomo VII, nº 12, 1966, p. 229 e 230.

²² Da vida de um alemão no Brasil – Revista Blumenau em Cadernos, Tomo VII, nº 12, 1966, p. 230. Mathias Schmitz não informa o nome do navio o qual tratava-se do Virginie. O grifo no texto é de nossa autoria para evidenciar a possibilidade da família Mees ser uma das famílias a bordo.

²³ MEIER, BRUCH e JOCHEM (2024, p. 9 a 11), artigo: *Um grande achado: a documentação de bordo do brigue francês Virginie (1846)*.

das famílias imigrantes. O surto afetou passageiros e tripulação, causando desconforto e mortes. Durante a viagem o tratamento dado pelo capitão do navio foi o pior possível. As práticas inadequadas de higiene, o fornecimento de comida insuficiente e a água distribuída com ainda mais parcimônia foram as principais causas da disseminação da epidemia. Sobre os trágicos acontecimentos, cita Schmitz (SCHAUFFLER, 1966, p. 231)²⁴:

Enquanto um lutava contra a morte, outro já tinha morrido. Dessa doença morreram dos nossos, durante a viagem (6 semanas) 27 pessoas, na maioria adultos, cujos corpos tiveram por sepultura o fundo do oceano. Só numa noite morreram três de uma vez. Logo que um morria, vinham alguns marinheiros, metiam o cadáver num saco, no qual punham também um pouco de areia e atiravam-no ao mar. De algumas famílias morreram o pai e a mãe, deixando, certas delas, 4 ou 5 filhos pequenos que logo eram amparados por outras pessoas de bom coração. O que tornou a miséria ainda mais triste foi a falta de alimentos. Mantimentos havia bastante, mas o capitão do barco não os distribuía. Nem aos doentes, mesmo pedindo-a com insistência, havia a concessão de um pouco de água quente preparar a sopa, quanto mais outra coisa. Quando se lhe contava quanto o doente ansiava por isto ou por aquilo, ou que isto, talvez, pudesse curá-lo ele respondia: "Nichts ... Kaputt. Gut für die Fische" (Nada! Que leve à breca! Fará bem aos peixes).

Conforme a tradição familiar passada por diversas gerações, pensávamos que a matriarca Anna Barbara Monzlinger tivesse perecido na travessia transatlântica. Mathias Schmitz, sem nominar ninguém, citou terem perecido 27 pessoas nas seis semanas de viagem. Tal informação reforçava o óbito de Anna Bárbara no oceano, conforme nossos ancestrais nos revelaram verbalmente.

Entretanto, com base nos registros do capitão Dehen, do *Virginie*, sabe-se que pereceram no mar onze pessoas, e dentre estes registros de baixas durante a travessia, não consta o óbito da matriarca. Além destas, outras onze pessoas, membros das famílias embarcadas no *Virginie* em Dunquerque, não se juntaram aos passageiros do *Vênus*, do Rio de Janeiro para Desterro. Tudo leva a crer que estes teriam falecido na permanência em Niterói/RJ. Provavelmente Anna Barbara Monzlinger, estaria entre eles, uma vez que Johann Mees embarcou para Desterro apenas com seus dois filhos. Tentamos encontrar registros nos livros eclesiásticos de óbitos, da igreja católica de Niterói/RJ, porém sem sucesso.

Para aproximar-se ao número de 27 óbitos declarados por Schmitz em sua história, além dos onze registros do capitão Dehen mais os onze integrantes do grupo que não seguiram viagem do Rio de Janeiro/RJ para Desterro, houve mais quatro passageiros

²⁴ Mathias Schmitz não cita o nome do navio nem do seu capitão. Todavia, o navio era o brigue *Virginie*, construído em 1842, de propriedade do armador Charles Delrue, da Casa Delrue & Cia., com sede em Dunquerque, na França e era comandado pelo capitão Adolphe François Joseph Dehen (MEIER, BRUCH e JOCHEM, 2024, p. 8 e 9).

falecidos na viagem do Rio de Janeiro a Desterro, ou nesta logo após a chegada, e dentre estes o patriarca Johann Mees²⁵. Talvez Mathias Schmitz tenha se equivocado em sua informação, ou tivesse falecido alguma criança recém-nascida sem o devido registro. De toda forma Schmitz cita 27 pessoas e os registros indicam uma diferença de 26 pessoas.

Ainda relativamente à dolorosa viagem de Dunquerque ao Rio de Janeiro, segundo Schmitz, o tratamento do capitão nada mudava em relação aos seus passageiros. Somente próximos ao final da viagem e sem suportar a insuficiência de alimentos, reuniram-se os imigrantes, pais de família e rapazes maiores, dispostos e preparados, foram ao comandante exigir-lhe a distribuição de comida e água. Finalmente, o capitão cedeu algumas barricas de torradas e um tonel de água fresca, saciando a fome e a sede dos passageiros.

A chegada ao Brasil²⁶

Apenas quando fundearam ao largo, no porto do Rio de Janeiro, capital do Império do Brasil, os imigrantes passaram a receber um tratamento digno. Claro que a melhora não foi obra de repentina bondade do capitão, mas sim por determinação das autoridades portuárias brasileiras. O médico²⁷ que subiu a bordo para inspeção sanitária, exigiu que os passageiros recebessem a devida alimentação. Os doentes foram consultados e lhes trouxeram os medicamentos receitados. Os dez dias de quarentena, em que aguardaram autorização para desembarque, foram os mais positivos na provisão de água e alimentos. Inclusive receberam bananas e laranjas que vinham da cidade, com que muito se deliciaram.

Durante o tempo a bordo os imigrantes tiveram ofertas de terras e trabalho, nas imediações do Rio de Janeiro²⁸. Sem conhecer sequer a língua do país onde estavam e sofrendo toda sorte de desventuras durante a viagem, a grande maioria dos colonos, liderados por Mathias Schmitz²⁹, não aceitou as ofertas de imediato, preferindo averiguar outras possibilidades na cidade.

Esta negativa contrariou sobremaneira os interesses do capitão Adolphe Déhen. Como não conseguiu persuadi-los a aceitar, intimou-lhes a pagar mais um terço do custo da passagem. Obviamente os colonos negaram-se a esta exigência, pois haviam acertado

²⁵ Um grande achado: a documentação de bordo do brigue francês Virginie (1846), p. 13 a 18.

²⁶ Texto baseado na crônica de Mathias Schmitz, em: Da vida de um alemão no Brasil – Revista Blumenau em Cadernos, Tomo VII, nº 12, 1966, p. 230 a 242.

²⁷ Segundo interpretação de FERREIRA DA SILVA (1966, p. 20), o médico que atendeu aos imigrantes, possivelmente seria o Dr. Robert Christian Barthold Avé-Lallemant, que em 1858 visitou a Colônia Santa Isabel.

²⁸ Provavelmente as terras ofertadas aos imigrantes seriam situadas no atual município de Macaé/RJ, no litoral fluminense. Fonte: Memórias de um colono alemão. Blumenau, SC: Tomo VIII, nº 01, 1966, p. 20.

²⁹ Os fatos acerca da viagem até o Rio de Janeiro e sua estadia no Rio de Janeiro, tem lastro na crônica de Mathias Schmitz, que detalhou os acontecimentos. Apesar de contar apenas 20 anos, Schmitz havia sido professor em Moritzheim e com algum conhecimento, liderou o desafortunado grupo de imigrantes.

o preço com Delrue em Ostende. Em represália as famílias foram desembarcadas e suas bagagens arrestadas em troca da alegada dívida. Sem seus pertences, foram encaminhados a um barracão em Praia Grande³⁰, onde abrigaram-se em um barracão com aparência de um quartel desabitado. Enfim, o grupo de imigrantes que partiu da Prússia na esperança de prosperar no Brasil, viu-se desamparado, reduzido à fome e à miséria, numa terra distante onde sequer compreendiam o que lhes falavam.

Os primeiros dias no Brasil³¹ e o provável óbito de Anna Barbara Monzlinger

No primeiro dia em terra brasileira, sem qualquer amparo e com muita fome, especialmente das crianças, uma das mulheres decidiu esmolar. Em uma padaria próxima pediu pão e foi contemplada com generosidade pelo dono do estabelecimento. Assim, pôde repartir o excedente com seus desafortunados companheiros.

A penúria continuou nos dias seguintes. Além das dificuldades de estar em terra estranha, havia a escassez de víveres e a enfermidade oriunda da extenuante viagem. Nesta degradante condição, acredita-se que houve o perecimento dos passageiros do *Virginie*, não embarcados no *Vênus* com destino para Desterro, junto com seus familiares. Dentre estes é provável que estaria Anna Barbara Monzlinger, a mãe de Peter e Mathias.

Não podemos precisar a data de seu passamento, apenas a dedução de ter ocorrido na Praia Grande, enquanto os imigrantes aguardavam alguma providência quanto ao seu destino. A probabilidade de que a matriarca tenha perecido na atual Niterói/RJ tem fundamento nos registros de óbito em viagem, anotados pelo capitão Dehen. Neles não consta o nome de Anna Barbara Monzlinger, sinalizando que ela tenha desembarcado em Praia Grande, em novembro de 1846.

Por outro lado, Anna Barbara não consta na relação de passageiros para a província de Santa Catarina, emitida em dezembro do mesmo ano. Infere-se assim, que seja falecida em Niterói/RJ, no interstício das duas viagens. Pesquisas mais acuradas junto ao Arquivo Nacional, jornais da época ou registros religiosos poderão elucidar sobre seu óbito.

A situação dos imigrantes era por demais deplorável e chamou a atenção de um cidadão alemão³². Condoído pela condição dos seus patrícios imigrantes lhes veio em auxílio ainda nos primeiros momentos. Junto com Mathias Schmitz, atravessaram a baía da Guanabara e foram ao Rio de Janeiro para buscar apoio no consulado da Prússia.

³⁰ A então Vila Real de Praia Grande é a atual cidade de Niterói/RJ. Fonte: [pt.wikipedia.org/wiki/Praia_Grande_\(Niterói\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Praia_Grande_(Niterói)). Consulta em: 30 jun. 2024.

³¹ Texto baseado na crônica de Mathias Schmitz, em: *Da vida de um alemão no Brasil – Revista Blumenau em Cader-nos*, Tomo VII, nº 12, 1966, p. 230 a 242.

³² Mathias Schmitz não identificou este cidadão alemão, segundo a interpretação de FERREIRA DA SILVA (1966, p. 20), sem evidências mais concretas, sugeriu que poderia tratar-se do Dr. Hermann Blumenau, que três anos mais tarde fundaria a colônia com seu nome, atual cidade de Blumenau/SC.

Entretanto, o cônsul os recebeu com indiferença e limitou-se a dizer que tinha mais o que fazer e foi enfático ao afirmar que estes deveriam ter permanecido na sua pátria.

Sem merecer atenção de seu próprio país, os imigrantes dirigiram-se ao consulado de Hamburgo e ou Bremen³³, nas imediações, o qual lhes acolheu e acompanhou até as autoridades portuárias brasileiras. Ali fizeram suas queixas e relataram da expropriação de seus pertences pelo capitão do *Virginie*, pertencente à Companhia Charles Delrue.

Como a má fama deste armador não se limitava aos países da Europa, também o governo brasileiro conhecia suas práticas desonestas, as autoridades garantiram que a bagagem lhes seria devolvida ainda naquele dia. De fato, ao voltar ao acampamento, seus companheiros já cuidavam de seus apetrechos e utensílios trazidos para começar a vida na nova pátria. Mesmo assim, foram roubados em diversos de seus pertences.

Resolvida esta situação, seu problema continuava enorme, ainda estavam sem destino, uma vez que o governo brasileiro sequer teria conhecimento de sua vinda. Diante do grande problema os imigrantes resolveram que no dia seguinte buscariam amparo diretamente com o imperador.

E assim foi feito; em audiência com o imperador Dom Pedro II, os imigrantes receberam guarida e a promessa de terras em três províncias, a sua escolha: São Paulo, Espírito Santo e Santa Catarina. Ouvindo as sugestões de pessoas que lhes prestaram auxílio em sua desventura, os viajantes optaram por Santa Catarina, principalmente em razão da localização da colônia ser próxima à capital da província.

A chegada à Santa Catarina e o óbito de Johann Mees

Em 22 de dezembro de 1846, às vésperas do natal, os imigrantes foram embarcados por conta do governo imperial, no bergantim *Vênus*, com destino à Santa Catarina. Era um pequeno navio onde se amontoaram as pessoas com os trastes e utensílios que lhe haviam sobrado, zarparam em viagem, rumo ao solo catarinense³⁴.

Depois de tanta desdita, renovara-se a fé, inseparável companheira daqueles pobres imigrantes, que comemoraram o natal de 1846 no litoral brasileiro, na viagem do Rio de Janeiro para Desterro. Seis dias depois do embarque, a 28 de dezembro de 1846, atracaram cheios de esperança na província catarinense, onde receberiam seus lotes na Colônia Santa Isabel. Foram bem recebidos e abrigados em um quartel onde foram agraciados com os cuidados necessários à sua manutenção e bem estar. Em Desterro os alemães eram bem vistos³⁵ e sua fama tinha origem nos primeiros germânicos chegados

³³ Na época a Alemanha não era unificada. Cada estado da Confederação Germânica mantinha nacionalidade própria. Em seu relato Mathias Schmitz não lembra com precisão se o consulado que lhes prestou atendimento foi o de Bremen ou de Hamburgo.

³⁴ As datas de saída do Rio de Janeiro em 22.12.1846 e chegada à Desterro em 28 de dezembro do mesmo ano, constam respectivamente em: MEIER, BRUCH e JOCHEM (2004, p. 6) e JOCHEM (1997, p. 73 e 404).

³⁵ Da vida de um alemão no Brasil – Revista Blumenau em Cadernos, Tomo VII, nº 12, 1966, p. 243.

à Santa Catarina em 1828, para a Colônia São Pedro de Alcântara. Tidos como diligentes, honestos e operosos, os alemães foram bem vindos à capital da província catarinense.

Johann Mees, que provavelmente estava enfraquecido pela doença contraída na viagem, não conseguiu recuperar sua disposição e vigor. Não resistiu e expirou a primeiro de janeiro de 1847³⁶, deixando seus dois filhos à benevolência dos companheiros de viagem. Peter faria quatro anos no mês seguinte e Mathias completara dois anos em 11 de dezembro.

A encomendação do seu corpo foi realizada a 2 de janeiro de 1847 pelo padre Antônio Joaquim Pereira Malheiros, vigário de Desterro. O patriarca da família Mees foi sepultado no cemitério público da capital da província. O óbito de Johann Mees consta na paróquia de Desterro, atual Florianópolis, às páginas 66v. e 67, do livro de registro de óbitos de 1844 a 1848, com a seguinte redação original:

1847 – João Meçen idade 43 anos – Aos dois dias do mez de janeiro de mil oitocentos e quarenta e ceis, nesta Matriz do Desterro da Ilha de Santa Catharina foi encomendado João Meçen idade quarenta e trez anos, salvado?, natural da Alemanha foi sepultado no cemitério público desta cidade. E que para constar mandei lavrar este termo que assigno.

O vigio (vigário) Antônio Joaquim Pereira Malheiros

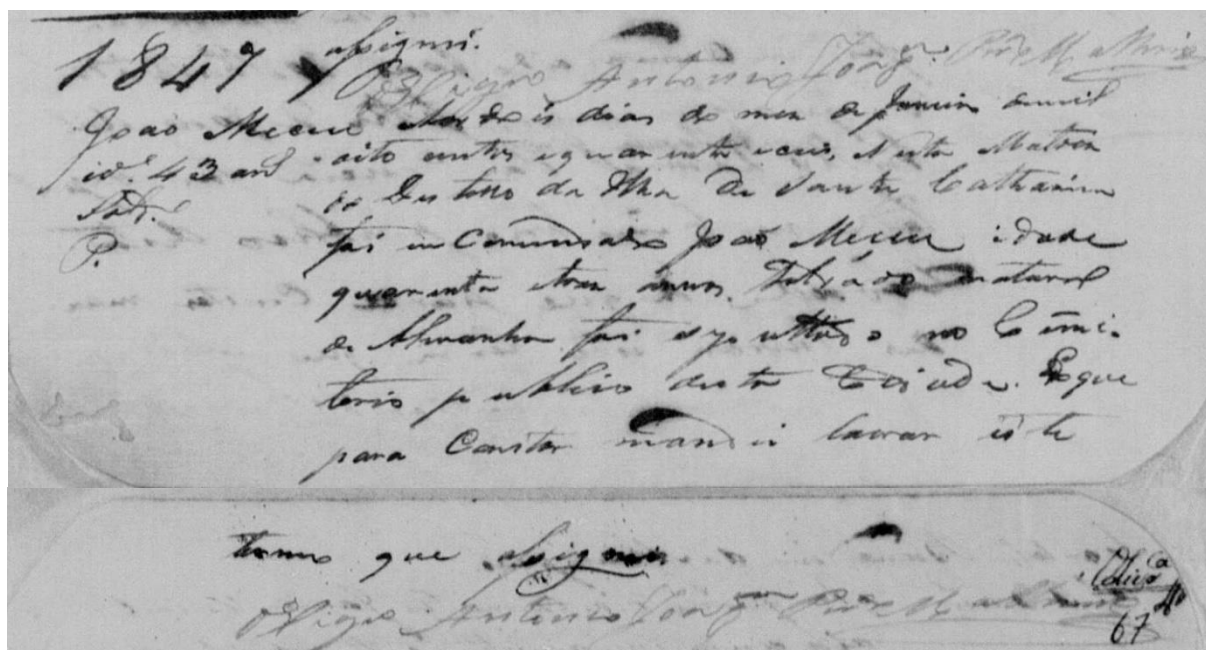


Fig. 5: Assento do óbito de Johann Mees, de 02.01.1847 em Desterro, Ilha de Santa Catarina.

³⁶ Em algumas fontes a data de óbito de Johann Mees é tida como 2 de janeiro de 1847. No entanto, esta é a data de encomendação de seu corpo – vide figura 4. Seu óbito, conjecturamos tenha ocorrido no dia primeiro e teria sido sepultado no dia 2, conforme costume local.

Aqui verifica-se um erro no registro, o documento cita o ano de um mil oitocentos e quarenta e seis (1846), quando na realidade o correto é um mil oitocentos e quarenta e sete (1847). No termo anterior ao de João Meçem (Johann Mees) consta o óbito de Joanna, preta liberta, de 49 anos, emitido com data de 31 de dezembro de 1846. O termo de João Meçem data de 2 de janeiro de 1846, mesma data do termo seguinte que registra o óbito de Maria Bernarda de Almeida de 80 anos. Apenas o termo que sucede a *João Meçem* e Maria Bernarda de Almeida vem com o ano de 1847 e registra o óbito de Emericianna Feijó, de 64 anos, datado de 4 de janeiro de 1847.



O cemitério público de Desterro onde foi sepultado o imigrante Johann Mees, localizava-se na cabeceira insular da ponte Hercílio Luz, no atual Parque da Luz³⁷.

Fig. 6: Vista do cemitério público municipal de Desterro, junto ao canal do Estreito, onde o imigrante Johann Mees foi sepultado, aos 2 de janeiro de 1847. (Acervo: Facebook – “Floripadazantiga”, 2024).

De 1923 a 1926, por ocasião das obras da ponte Hercílio Luz os restos mortais deste campo santo foram trasladados para o cemitério São Francisco de Assis, no atual bairro do Itacorubi, na capital catarinense. Assim, é justo conjecturar que os restos mortais de Johann Mees, descansam no ossuário perpétuo daquele campo santo.

Colônia Santa Isabel, o destino das crianças Mees

Santa Isabel foi idealizada pelo interesse do governo provincial no estabelecimento de colônias junto à estrada de Desterro à Lages, ligando o litoral ao planalto e consequentemente ao interior da província. Previa que os colonos ao longo da estrada, teriam como obrigação a abertura da metade desta, em toda testada de sua propriedade, no tempo de um ano após o estabelecimento em suas posses. Segundo Jochem (1997, p.

³⁷ O Parque da Luz era conhecido como Morro do Vieira e ou Alteiro do Estreito. O cemitério público de Desterro foi sagrado aos 29.05.1841 e seu uso passou a ser obrigatório para os sepultamentos das pessoas falecidas na cidade a partir de junho daquele ano. Criado pela lei n.º 137, de 22.04.1840, com área de 2.600 braças quadradas. Fonte das informações acerca dos cemitérios do Parque da Luz e do Itacorubi: Trabalho de conclusão de curso de Míriam Karla Machado, p. 83 a 107, bibliografia citada.

76-77) fundada provavelmente em fevereiro ou março de 1847 no vale do rio dos Bugres, a colônia recebeu sua denominação em homenagem à princesa Isabel³⁸, nascida no ano anterior, filha do imperador Dom Pedro II e sua esposa Dona Teresa Cristina.

Os imigrantes, passageiros do *Virginie* (Europa ao Brasil) e *Vênus* (Rio de Janeiro a Desterro), estão entre os pioneiros estabelecidos nesta colônia. Também foram encaminhados à Santa Isabel, os imigrantes chegados em Desterro por meio da sumaca *Quatorze de Novembro*, aportados poucos dias depois, a 5 de janeiro de 1847. Ainda em 1847, em setembro, foram enviados à mesma colônia os imigrantes vindos pela galeota belga *Jean de Lockengheim* (JOICHEM, 1997, p. 77).

Os irmãos Mees, provavelmente teriam chegado à Colônia Santa Isabel no princípio de março de 1847 (JOICHEM, 1997, p. 76-77), sob os cuidados da família de Adam Jakob Weber³⁹. Em julho daquele ano, os colonos receberam seus respectivos lotes de terras, e no mesmo mês, os irmãos foram transferidos para Vargem Grande, onde moravam seus pais adotivos⁴⁰.

Os órfãos recebem novos tutores

Com o óbito dos pais, os meninos Peter e Mathias Mees ficaram sob a proteção da família de (Adam) Jakob Weber e Anna Maria Nick. Embora não haja uma explicação oficial para que os primeiros cuidados fossem realizados pela família Weber, é certo que estes tenham sido companheiros de viagem dos Mees, pelo menos a partir de Dunquerque, e muito provavelmente desde o início, na saída da terra natal.

Adam Jakob Weber e Anna Maria Nick eram de Kirchberg⁴¹. A matriarca dos Mees, Anna Barbarara Monzlinger era natural de Hirschfeld, uma comunidade pertencente ao *Verbandsgemeinde* de Kirchberg, cuja distância entre estas era menor que 17 quilômetros. Kommen distava a menos de 30 quilômetros de Kirchberg e a 15 de

³⁸ Princesa Isabel batizada como Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bourbon e Bragança, nasceu em 29.07.1846 no palácio São Cristóvão/RJ. Fonte de pesquisa: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Isabel, Princesa Imperial do Brasil](https://pt.wikipedia.org/wiki/Isabel,_Princesa_Imperial_do_Brasil). Consulta em: 10 abr. 2024.

³⁹ O casal Adam Jakob Weber e Anna Maria Nick com a família foram companheiros de viagem dos Mees, tanto no *Virginie* de Dunquerque ao Rio de Janeiro quanto no *Vênus*, da então capital do Império até Desterro. Eram originários de Kirchberg, cidade vizinha à Kommen, de onde provinha a família Mees. É provável que fossem conhecidos no Hunsrück e com o óbito de Anna Barbara Monzlinger e a enfermidade e óbito de Johann Mees, tenham se incumbido a cuidar das crianças Peter e Mathias Mees, até firmar contrato com Heinrick Westrup pela responsabilidade destes órfãos, como se verifica nas linhas seguintes.

⁴⁰ Conforme contrato de responsabilidade firmado entre (Adam) Jakob Weber e Heinrick Westrup.

⁴¹ STEINER, Carlos Eduardo. Genealogia teuto-catarinense – Famílias pioneiras na colônia Santa Isabel (1847-1865), (2019, p. 350).

Hirschfeld. Possivelmente seriam famílias conhecidas e Johann Mees, provavelmente confiara seus filhos aos cuidados dos Weber, devido sua enfermidade.

Estabelecidos na Colônia Santa Isabel com a família de Adam Jakob Weber, os irmãos Mees, foram transferidos aos cuidados da família de Henrik Gottlieb Westrup de Vargem Grande, por meio de contrato de responsabilidade firmado por Weber e Westrup.

A razão pela qual a família Westrup assumiu a criação dos órfãos também não tem uma justificativa oficial. Imaginamos que tenha sido principalmente no interesse e benefício das crianças. Em Vargem Grande onde o casal Henrik Westrup e Rosa Maria Mafra eram moradores, já havia alguma infraestrutura, enquanto a Colônia Santa Isabel era tudo mato e apenas estava começando a ser desbravada. Possivelmente por isso não houve a adoção das crianças por famílias companheiras de viagem no brigue Virginie.

O contrato de responsabilidade pelos órfãos

Aos 18 de julho de 1847, por meio de um termo de responsabilidade, Jacob Weber transferiu os meninos aos cuidados do casal Henrick Gotlieb Westrup (1805-1891), dinamarquês de Ringkobing, Kopenhagen e a brasileira Maria Rosa de Jesus Mafra (1817-1893), filha de Manoel Francisco Mafra e Umbelina Rosa de Jesus, os quais assumiram a responsabilidade pelas crianças recebendo os pertences dos Mees para seu benefício e dos meninos, que cresceram fortes e bem educados, sendo os progenitores da família Mees em Santa Catarina.

O teor do contrato que apresentamos a seguir, é oriundo dos documentos originais da família Mees, transmitidos por familiares de geração para geração. O trabalho de transliteração do alemão gótico para o alemão fluente e a tradução para o português foi realizado pela professora Úrsula Rombach em conjunto com o Pe. Eloy Dorvalino Koch.

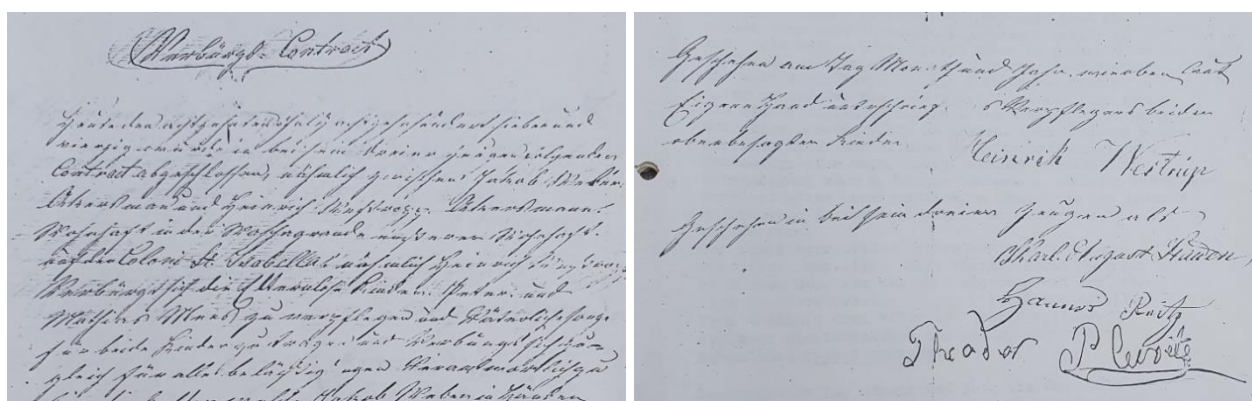


Fig. 7 e 8: Parciais (início e final) do manuscrito contratual original firmado por Henrick Westrup para guarda dos irmãos Mees.

Contrato de garantia⁴²

Hoje, dezoito de julho de mil oitocentos e quarenta e sete, na presença de três testemunhas, foi efetuado o seguinte contrato, ou seja, entre Jakob Weber, lavrador, e Heinrick Westrup, lavrador, domiciliado em Vargem Grande, o primeiro (acima) domiciliado na Colônia Sta. Isabel, no qual Heinrick Westrup se compromete a criar as crianças órfãs de pais Peter e Mathias Mees e ter cuidados paternos pelas duas crianças, e se compromete ao mesmo tempo responsabilizar-se por todos os incômodos em receber o dinheiro que se encontra em mãos de Jakob Weber além de Cartas de Leilão e Contratos e por eles zelar como por seu próprio patrimônio. Colocar o dinheiro a juros, educar as crianças e instruí-las em todas as coisas, e tudo assumir sem pagamento. Mas às duas crianças Peter e Mathias Mees de modo algum deverá acontecer importunação em anos futuros, ou seja, para consolação ou outras coisas, já que o pai de criação se oferece para assumir tudo sem pagamento, portanto qualquer exigência em anos futuros fique distante das duas mencionadas crianças.

O pai de criação das duas crianças recebe hoje, conforme acima, de acordo com (ilegível), em dinheiro quarenta e seis mil réis em dinheiro vivo do leilão dos móveis dos falecidos pais; Peter e Mathias Mees trinta e três mil réis, e o pai de criação recebe os atrasados dos dinheiros que ainda estão de haver.

Ocorrido no dia, mês e ano como acima, conforme assinatura de próprio punho do pai de criação das duas crianças acima mencionadas.

Heinrick Westrup

Ocorrido na presença de três testemunhas como

Karl August Staden

Hannes Reitz

Theodor Plevoets

Com pequena variação na tradução, este mesmo documento foi citado por Steiner (2019, p. 207), da obra Genealogia teuto-catarinense 2. Presumimos que Steiner tenha encontrado este contrato em: Adolfo Back 100 anos – história de Forquilha, obra póstuma de Adolfo Back, onde este registra algumas informações acerca dos imigrantes Johann Mees e Anna Barbara Monzlinger e família.

O contrato de garantia que publicamos acima, foi transliterado e traduzido pela professora Úrsula Rombach e padre Eloy Dorvalino Koch, conforme já informamos. As pequenas variações de interpretação citadas, não interferem no texto, que na prática é o mesmo. Observamos, no entanto que ao penúltimo parágrafo, onde consta: *O pai de criação das duas crianças recebe hoje, conforme acima, de acordo com (ilegível), em*

⁴² Contrato de responsabilidade pela criação dos órfãos Peter e Mathias Mees, firmado por Heinrick Westrup e (Adam) Jakob Weber. Tradução do original por Úrsula Rombach, vide referências bibliográficas.

dinheiro (...), o grifo em negrito é de nossa autoria. No trabalho da professora Úrsula, havia pontos em referência a uma palavra ilegível.

No mesmo contrato nas publicações de Back e de Steiner, inexistiu algum termo inelegível ou com ressalva, e o texto em seu teor tem exatamente a mesma interpretação, o que nos leva a crer que embora não decifrado pela tradutora, a palavra não tem significativa importância.

Quanto à citação de Back à família Mees, cremos que tenha se dado em razão de seu parentesco por afinidade. O avô materno de Adolfo Back era Gregório Westrup, filho de Heinrick Westrup e Maria Rosa Mafra, irmão de criação de Peter e de Mathias Mees. Na mesma obra sobre Forquilha, consta uma passagem relacionada a Peter Mees. Relata que no início de 1919 Adolfo Back saía de Forquilha, com destino à Blumenau, para o início do seu ano letivo escolar. Viajava a cavalo e nas imediações de Theresópolis, quando descia o morro do Rio do Cedro, pouco antes do anoitecer, lhe veio à memória Pedro Mees, o irmão de criação de seu avô. Até então, ele o tinha visto uma única vez e relata o seguinte⁴³:

Descendo o morro, passo a passo, com o pensamento no velho Pedro, ia alcançando um homem idoso, parou e indagou se não conhecia Pedro Mees. O interrogado se interessou pela pergunta, pôs-se em pose e fez a contrapergunta: "Sim", disse ele. "Mas o senhor procura o novo ou o velho Pedro Mees?" Como se lhe retorquiu que era o velho Pedro Mees, respondeu: "Esse sou eu". Convidou então o viajante ir pousar, naquela noite, em sua casa, recebendo bom jantar, ótima cama para descansar os ossos moídos de trotar pelas estradas, e, na manhã seguinte, uma porção de milho para o cavalo e um bom café da manhã.

Back cita que a documentação da família Mees se encontraria registrada na paróquia Santo Estevão, de Ituporanga/SC, por seu vigário Frei Gentil Scheid, O.F.M. E que as mesmas chegaram ao seu conhecimento por meio de Frei Jerônimo Back, O.F.M., que era seu tio (irmão do pai, João José Back), e que havia sido pároco em Ituporanga/SC. Mais informações na segunda parte do artigo.

Em relação aos meninos educados por seu bisavô Heinrick Westrup, Adolfo Back faz mais referências ao irmão mais velho, Pedro. No que diz respeito a Mathias cita que⁴⁴:

Quanto ao menino Matias Mees, consta que não permaneceu sob a tutela de Henrique Westrup e que se transferiu a outra família, onde adotou o sobrenome. Há indícios que se trata da família Kirchner. Pedro Mees, no entanto, continuou ligado à família de Henrique Westrup até a sua morte. Gregório Westrup, filho de Henrique Westrup e Pedro Mees consideravam-se como irmãos.

⁴³ BACK, Adolfo. História de Forquilha, p. 102.

⁴⁴ BACK, Adolfo. História de Forquilha, p. 7.

Nos parece haver um equívoco quanto à não permanência do menino Mathias Mees, sob a tutela de Henrik Westrup. Como se sabe Mathias domiciliou-se em Theresópolis onde também residia o irmão Pedro. Mais tarde mudou-se para Louro, no Alto Biguaçu, então ligado à São Pedro de Alcântara, e atualmente no município de Antônio Carlos/SC.

Também não procede que tenha se transferido e adotado o nome da família Kirchner. Basta dizer que teve três casamentos e nascimento de filhos com as duas primeiras consortes. Todos os seus registros constam com o sobrenome Mees, apesar de diversas variações (Meis, Mais, Mays e Maes), inclusive perpetuados até os dias atuais por seus descendentes. Por outro lado, a citada família Kirchner, cujo casal varão era Benedict Kirchner e Bertha Bilk, moradores de Santa Isabel, também são trisavós deste autor. Podemos assegurar que ouvimos muitas histórias das famílias Kirchner e Mees e jamais foi mencionada a criação de Mathias na família Kirchner.

Entretanto, é marcante a ligação das famílias Mees e Kirchner, havendo dois casamentos entre filhos de Peter Mees e de Benedito Kirchner: Henrique Mees com Anna Luisa Kirchner e Elisabeth Mees com Frederico Kirchner; estes, bisavós do autor, e em cuja família se encontravam os documentos dos irmãos Mees trazidos da antiga Prússia. Embora seja uma informação que careça de comprovação, ao que se sabe, por meio da tradição familiar, os meninos Mees foram criados e permaneceram com a família Westrup até a idade adulta. Pelo menos é que a Oma Hilda afirmava em relação à Peter, ancestral direto. Presumimos que Mathias também ficasse com a família Westrup, até seu casamento. Entretanto, é possível que tenha morado e trabalhado com outras famílias quando solteiro. Sobre isto nada podemos afirmar com precisão.

Os órfãos Peter e Mathias Mees constituíram famílias

Crescendo em Vargem Grande, Santa Isabel e Theresópolis, os meninos se casaram e tiveram ambos numerosa prole, espalhada por estas colônias e também São Pedro de Alcântara, Biguaçu e Luiz Alves nos primeiros tempos. Atualmente seus descendentes estão dispersos por Santa Catarina, Brasil e exterior.

Os irmãos Mees foram criados na família de Henrik Westrup e Maria Rosa Mafra, casal que residiu por muitos anos em Vargem Grande e depois em Santa Isabel, onde o casal faleceu e se encontra sepultado.

Peter o primeiro irmão imigrante, casou-se com Johanna Elisabeth Jasper, mais conhecida por Lisbetha ou como registrada na maioria dos documentos como Elisabeth. A data do casamento não foi encontrada. Nascida em Stadtlohn aos 28 de agosto de 1844, era filha de Bernard Heinrich Jasper e Adelheid Schlatmann, pioneiros da Colônia Theresópolis, chegados em 1860. O casal estabeleceu-se em Rio do Cedro, na Colônia Theresópolis, teve onze filhos e vida longa, completando bodas de ferro. Faleceram com



poucos dias de diferença, Lisbetha em 13 de julho e Peter em primeiro de agosto de 1932, sepultados em Theresópolis, Águas Mornas/SC.

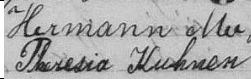
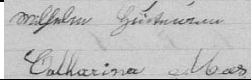
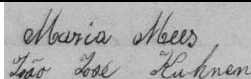
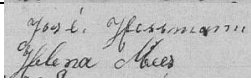
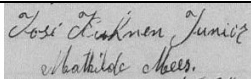
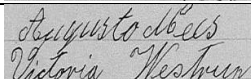
Fig. 9: Casal Peter Mees e Johanna Elisabeth Jasper, por volta de 1930. Foto cedida por Perpétua Kirchner. Atualmente, acervo do autor.

Os filhos de Peter Mees e Johanna Elisabeth Jasper, nasceram todos em Theresópolis e faleceram em diversas cidades, como segue: Henrique (batizado Heinrich), em Aurora/SC e a esposa Anna Luisa Kirchner em Theresópolis; Johanna Adelaide e Georg Brüggemann em Santo Amaro da Imperatriz/SC; Mathias e Christina Lehmkuhl em Águas Mornas/SC; Pedro (batizado Peter Heinrich) e Helena Heinzen em Ituporanga/SC; Elisabeth em Theresópolis e Frederico Kirchner em Ituporanga/SC; Germano (batizado Hermann) e Theresa Kuhnen em Ituporanga/SC; Catharina e Guilherme Hüntermann em Santo Amaro da Imperatriz/SC; Maria e João José Kuhnen em Ituporanga/SC; Helena e José Hessmann em Ituporanga/SC; Mathilde e José Kuhnen Júnior em Rio Fortuna/SC; e Augusto (batizado Augusto Alexandre) e Victoria Westrup em Rio do Campo/SC.

FILHOS DO CASAL PETER MEES e JOHANNA ELISABETH JASPER:

N.º	Nome do filho e respectivo cônjuge	Data de nascimento	Data e local casamento	Data do óbito	Assinaturas ⁴⁵
1	Henrique (Heinrich) Anne Luise Kirchner	18.11.1866 07.11.1866	10.10.1891 TH	04.11.1950 26.09.1933	<i>Heinrich Mees Anna Kirchner</i>
2	Johanna Adelaide Georg Brüggemann	13.09.1868 12.10.1863	SAI	08.07.1946 28.05.1923	Não encontrada
3	Mathias (sobrinho) Christina Lehmkuhl	13.06.1870 11.06.1876	16.05.1896 TH	31.03.1954 06.03.1948	<i>Mathias Mees Christina Lehmkuhl</i>
4	Pedro (Peter Heinrich) Helena Heinzen	15.09.1872 03.08.1871	20.02.1897 TH	20.07.1957 21.08.1952	<i>Peter Mees Helena Heinzen</i>
5	Elisabeth Frederico Kirchner	26.09.1874 02.02.1871	06.05.1893 TH	07.09.1899 19.02.1956	<i>Frederico Kirchner Elisa Mees</i>

⁴⁵ As assinaturas foram extraídas do registro de casamento civil, por meio de consulta em múltiplas datas no site: familysearch.org, nos livros de registros de casamento em Águas Mornas/SC. Não encontramos o registro de casamento de Johanna Adelaide Mees e Georg Brüggemann.

6	Germano (Johann Hermann) Theresa Kuhnen	03.11.1877 18.03.1881	16.02.1900 TH	19.07.1964 14.10.1949	
7	Catharina Guilherme Hüntermann	18.01.1880 16.12.1870	05.02.1898 TH	03.05.1918 08.01.1943	
8	Maria João José Kuhnen	08.12.1882 15.04.1979	17.01.1903 TH	07.08.1965 26.08.1962	
9	Helena José Hessmann	1885 21.02.1872	16.04.1904 TH	26.06.1962	
10	Mathilde José Kuhnen Júnior	1887 18.03.1881	25.11.1905 TH	19.09.1953 06.12.1954	
11	Augusto Alexandre Victoria Westrup	18.08.1889 04.03.1891	04.09.1909 S.Mart./SC	21.05.1969 02.03.1969	

Mathias o segundo irmão imigrante, casou em primeiras núpcias com Anna Loch, nascida por volta de 1845, filha de Mathias Loch e Filisbina Rosa Mattos, família de Vargem Grande. A esposa lhe deu sete⁴⁶ filhos e faleceu entre 1877 a 1880⁴⁷. Mathias casou-se com Agnes Pauli, viúva de Mathias Kons, que tinha três filhos vivos. Agnes nasceu em São Pedro de Alcântara/SC em 17.06.1847 e faleceu entre 1886 e 1887, era filha de Michael Pauli e Elisabetha Sabel. O casal teve mais cinco filhos e morou no Louro, Alto Biguaçu, onde ambos faleceram e foram sepultados⁴⁸. Mathias Mees teve um terceiro casamento na matriz de São José aos 28 de janeiro de 1888, com Bárbara Reinert, filha de Mathias Reinert e Bárbara Krämer, sem registro de filhos. Foi sepultado no cemitério da igreja de São Paulo Apóstolo, no Louro.

FILHOS⁴⁹ DO CASAL MATHIAS MEES e ANNA LOCH (primeiro casamento):

N.º	Nome do filho e seu cônjuge	Data de nascimento	Data e local casamento	Data do óbito	Local do óbito
1	Pedro (Peter)	06.09.1870	-	-	-
2	Maria Nicolau Weber	12.12.1871 24.06.1864	17.08.1894 SPA	24.11.1915 23.07.1924	Ant. Carlos/SC Ant. Carlos/SC

⁴⁶ Provavelmente Anna Loch teria deixado seis filhos vivos aos cuidados do viúvo Mathias Mees. Do primeiro filho, Pedro, nome em homenagem ao irmão e padrinho na pia batismal, nada se sabe além do registro de batismo. Presume-se que tenha falecido em tenra idade.

⁴⁷ Não encontramos quaisquer registros de nascimento, casamento ou óbito de Anna Loch. Suas datas de nascimento e óbito são estimadas. O nascimento 1845, estima-se pelo nascimento do marido (1844). Quanto ao óbito, podemos afirmar que em 1877 nasceu o último filho de Anna Loch e Mathias Mees e em 1881 nasceu o primeiro filho de Mathias Mees com Agnes Pauli, sua segunda esposa.

⁴⁸ Não encontramos os túmulos de Mathias Mees e ou de alguma de suas três esposas. Sabemos que ocorreu no Alto Biguaçu por meio do registro de seu óbito e do seu terceiro casamento.

⁴⁹ Encontramos apenas a assinatura de Mathias Mees (Maes), dentre todos os filhos de Mathias Mees com Anna Loch ou com Agnes Pauli. Nos registros de casamento em São Pedro de Alcântara/SC, constam como analfabetos e nos registros em Biguaçu/SC não constam assinaturas, exceto a de Mathias Maes (a seguir).

3	Elisabeth Egídio Weber	24.01.1873 08.01.1867	26.06.1894 Biguaçu/SC	03.09.1942 28.09.1927	Luiz Alves/SC Ant. Carlos/SC
4	Mathias Filho Anna Maria Krämer	06.03.1874 14.07.1876	16.04.1898 Biguaçu/SC	24.03.1959 02.08.1962	Luiz Alves/SC Luiz Alves/SC
5	João Jacob Eva Conradi	19.10.1875 19.03.1862		22.01.1944	Ant.Carlos/SC
6	Celestina Pedro Gesser	1875 1871	30.01.1908 Biguaçu/SC	06.07.1913 20.01.1934	SPA Ant.Carlos/SC
7	Nicolau Maria Pütz	1877 26.01.1886	11.12.1909 SPA	03.05.1943 19.02.1955	Gaspar/SC Gaspar/SC

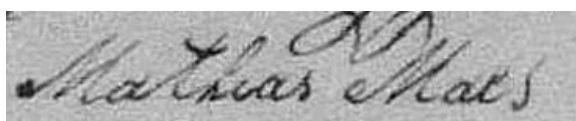


Fig. 10: Assinatura de Mathias Mees Filho (Maes), por ocasião de seu casamento com Anna Maria Krämer. Fonte: Cartório de registro civil de Biguaçu/SC – Livro de matrimônios n.º 2 – 1897 a 1904, registro n.º 9, p. 27 e 27v. Quanto à esposa, informada como analfabeta, houve assinatura a seu rogo.

O terceiro casamento de Mathias Mees teve Bárbara Reinert como esposa e ocorreu aos 28 de janeiro de 1888, na igreja matriz de São José/SC⁵⁰. Deste enlace não encontramos registro de filhos.

Os três primeiros filhos de Mathias Mees e Anna Loch: Pedro, Maria e Elisabeth foram batizados em Theresópolis; Mathias, foi batizado em Vargem Grande; e os três últimos foram batizados em São Pedro de Alcântara, conforme seus registros de casamento. Isto nos parece um indicativo de que o casal tenha se domiciliado em Teresópolis, Vargem Grande e São Pedro de Alcântara.

Os batismos dos filhos em São Pedro de Alcântara, possivelmente confirmam seu domicílio na localidade do Louro, no Alto Biguaçu, onde faleceram Mathias e suas esposas (pelo menos as duas primeiras). Também os cinco filhos do segundo casamento de Mathias, com Agnes Pauli, conforme indicam os registros de batismo e casamento encontrados, provavelmente sejam nascidos todos no Louro, no Alto Biguaçu.

O sobrenome original Mees foi legado aos seus descendentes, especialmente à grande maioria dos rebentos de Peter Mees e Johanna Elisabeth Jasper. Encontramos diversas variações na escrita do sobrenome, tais como: Meis, Maes, Mais, Meys e Mays. A maioria dos sobrenomes escritos com estas variáveis, são descendentes de Mathias Mees, o segundo irmão imigrante.

⁵⁰ Livro de casamentos da paróquia de São José/SC, 1887-1889, p. 11. Disponível em: familysearch.org. Consulta em: 23 jun. 2024.

1898-

35.
Mathias
Mees
marido de Barbara Reinert sobrevivente, falleceu de mal de terra
com a idade de cinquenta e quatro annos aos treze de Novembro
de mil oitocentos noventa e oito as tres horas da tarde e foi sepultado
no dia seguinte as tres horas da tarde no cemiterio da capella de
S. Pedro Apóstolo de Alta-Bojunaçá.
O Vigario São Baptista Reinert.

36.

Fig. 11: Registro de óbito de Mathias Mees (Mais). Excerto da fl. 37v. do livro de óbitos de 1883 a 1946, da paróquia de São Pedro de Alcântara/SC.



Fig. 12 e 13: Sepulturas de Johanna Elisabeth Jasper Mees e Peter Mees, ambas situadas no cemitério católico de Theresópolis, Águas Mornas/SC. Registros fotográficos de 02.05.2019, acervo do autor.

Considerações finais

Refazer a trajetória da família Mees, partindo de Kommen, sua terra de origem, nos deu a sensação de viajar no tempo. Sua épica viagem embora tenha ceifado a vida e o sonho do casal imigrante, consentiu aos filhos cumprir o intento paterno na nova pátria.

Ao juntar as diversas informações acerca da viagem com os pais; os primeiros passos realizados na Colônia Santa Isabel em sua chegada; a criação em Vargem Grande com os pais adotivos; e finalmente os irmãos Peter e Mathias com suas próprias famílias em Theresópolis e no Alto Biguaçu, temos a certeza de que os passos dos meninos órfãos redundaram em uma bela e emocionante história.

Considerando o tempo decorrido desde a imigração, outubro de 1846 até a presente data, estimamos que inúmeras informações tenham se perdido neste interstício, apesar da preservação dos documentos da época. Aliás, a guarda dos documentos originais trazidos pelo casal Johann Mees e Anna Barbara Monzlinger, nos permitiu refazer grande parte de sua trajetória, também lastreada na narrativa do imigrante Mathias Schmitz, companheiro de viagem da família Mees no brigue francês Virginie.

Por derradeiro, enfatizamos o prazer de participar do projeto e homenagear nossos corajosos antepassados que nos legaram a vida em Santa Catarina, a partir da Colônia Santa Isabel, pioneiramente. Também parabenizamos e agradecemos aos idealizadores do projeto “Páginas da Colonização”, que oportunizaram novas páginas para a história de Santa Isabel, em especial ao Toni Jochem e ao Jonas Bruch que por inúmeras vezes leram, releam e orientaram o conteúdo do presente artigo.

Siglas e abreviaturas utilizadas

Ant.Carlos = Antônio Carlos/SC;

O.F.M. = Ordem dos Frades Menores;

RJ = Rio de Janeiro;

SAI = Santo Amaro da Imperatriz/SC;

SC = Santa Catarina;

SPA = São Pedro de Alcântara/SC;

TH = Theresópolis – Colônia Theresópolis.

Referências

BACK, Adolfo. **Adolfo Back 100 anos – História de Forquilha**. Obra póstuma. Criciúma: Ed. Universidade do Extremo Sul Catarinense, 1995.

FERREIRA DA SILVA, José; SCHAUFFLER, Heinrich; SCHMITZ, Mathias. **Memórias de um colono alemão**. Publicado em Blumenau em Cadernos, Tomo VIII, nº 1, janeiro de 1966.

FERREIRA DA SILVA, José. **Da Vida de um alemão no Brasil**. Publicado em Blumenau em Cadernos, Tomo VII, nº 12, dezembro de 1966.

JOICHEM, Toni. **Pouso dos Imigrantes**. 1. Ed. Florianópolis: Papa-Livro, 1992.

JOICHEM, Toni. **A Epopeia de Uma Imigração**. 1. Ed. Águas Mornas: Ed. do Autor, 1997.

JOICHEM, Toni. **A Formação da Colônia Alemã Teresópolis e a Atuação da Igreja Católica (1860 – 1910)**. 1. Ed. Palhoça: Ed. do Autor, 2002.

KOCH, Eloy Dorvalino. MOOM, João. **Famílias Pioneiras de Salto Grande**. 1 Ed. Ituporanga: Ed. do Autor 1985.

MACHADO, Míriam Karla. **Morrer em Desterro: A criação do cemitério público em 1841**. Trabalho de conclusão do curso de história da UFSC. Florianópolis/SC junho/2012.

PHILIPPI, Aderbal João. **São Pedro de Alcântara A Primeira Colônia Alemã de Santa Catarina**. 1. Ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1995.

PHILIPPI, Aderbal João. **Pesquisas genealógicas inéditas, famílias de imigrantes das colônias: São Pedro de Alcântara, Theresópolis, Angelina, Vargem Grande, Leopoldina, Nova Itália e Militar do Itajahy**. Pesquisas não publicadas.

ROMBACH, Úrsula Paula Elysabeth e KOCH, Eloy Dorvalino. **Documentos de Johann Mees e Anna Barbara Monzlinger e seus filhos Peter e Mathias Mees, escritos em francês e alemão gótico, transliterados e traduzidos em 1993 e 1994**, Brusque/SC.

STEINER, Carlos Eduardo. **Genealogia teuto-catarinense 2. Famílias pioneiras na colônia Santa Isabel (1847-1865)**. Campinas/SP: Ed. do Autor, 2019.

Webgrafia

Antepassados dos irmãos Mees. Disponível em: <http://www.ahnenforschung-saarland.de/> – Consultas múltiplas em 2022, 2023 e por último em: 25 jun. 2024.

Antepassados dos irmãos Mees. Disponível em: <https://www.familysearch.org/pt/home/portal/> – Consultas múltiplas desde 2002 e por último em: 03 jul. 2024.

Bernkastel-Kues e Bernkastel-Wittlich. Disponível em: <pt.wikipedia.org/wiki/Bernkastel-Kues> e pt.wikipedia.org/wiki/Landkreis_Bernkastel-Wittlich – Consulta em: 18 jun. 2024.

Blumenau em Cadernos. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/blumenau%20em%20cadernos/1966/BLU1966012.pdf> – Consulta em: 22 mai. 2024.

Calendário da revolução francesa. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Calendário_revolucionário_francês. – Consulta em: 10 jan. 2024.

Congresso de Viena e nova ordem geopolítica da Europa. Disponível em: <todamateria.com.br/congresso-de-viena/> – Consulta em: 28 jun. 2024.

Fotografia do antigo cemitério de Desterro. Disponível em: <https://www.facebook.com/floripadazantiga/photos> – Consulta em: 23 abr. 2024.

Genealogia. Disponível em: <Familysearch.org>, – Múltiplas consultas a última em: 08 jul. 2024.

História de Petrópolis/RJ. Disponível em: <https://ahistoriadepetropolis.blogspot.com/2016/> – Consulta em: 25 jan. 2024

História do Hunsrück e de Trier. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Treveris> e https://pr.wikipedia.org/wiki/imperio_Carolingio, – Consultas em: 12 jan. 2024.

MEIER, Beat Richard; BRUCH, Jonas; JOCHEM, Toni. Um grande achado: a documentação de bordo do brigue francês Virginie (1846). Páginas da Colonização: Estudos/subsídios históricos sobre a Colônia Alemã Santa Isabel – 175 anos de Fundação, 2024. Disponível em: <http://tonijochem.com.br/artigos-paginas-da-colonizacao/> – Consulta em: 27 mar. 2024.

Napoleão Bonaparte. Disponível em: pt.wikipedia.org/wiki/Napoleão_Bonaparte – Consulta em: 30 jun. 2024.

Niterói/RJ. Disponível em: [pt.wikipedia.org/wiki/Praia_Grande_\(Niterói\)](pt.wikipedia.org/wiki/Praia_Grande_(Niterói)) – Consulta em: 30 jun. 2024.

Princesa Isabel. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Isabel,_Princesa_Imperial_do_Brasil – Consulta em: 10 abr. 2024.

Como citar este artigo

BRANDT, Janir. **Os irmãos Mees: órfãos no grupo pioneiro da Colônia Santa Isabel**. Páginas da Colonização: Estudos/subsídios históricos sobre a Colônia Alemã Santa Isabel – 175 anos de Fundação, 2024. Disponível em: <http://tonijochem.com.br/artigos-paginas-da-colonizacao/>.